

*Jornalismo Literário Televisivo e as Crises Humanitárias*¹

Kamila Ágatha LOVIZON²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a aplicabilidade do jornalismo literário na TV, a fim de contribuir para a discussão sobre o espaço de narrativas humanitárias após situações emergenciais. Para tanto, utiliza-se o conceito de jornalismo literário (MARTINEZ, 2016), o entendimento sobre a linguagem televisiva (MARTINS, 2017) e o jornalismo humanitário (SCOTT, 2018). A metodologia, baseada na experiência de campo desta autora, pretende reforçar a importância da narrativa literária na cobertura televisiva humanitária. Na conclusão, entende-se como primordial a contação de histórias de personagens reais, aproximando o público das pautas humanitárias subnotificadas pela imprensa e logo normalizadas e esquecidas pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; Jornalismo humanitário; Narrativas humanitárias; Reportagens continuadas.

Introdução

Jornalista acompanha a história da primeira fila. Tem a chance de expor os fatos que muitos não veem. E às vezes, algumas vezes, transformar a realidade de um mundo corrompido com suas palavras, escritas e narrativas.

No campo do jornalismo humanitário, por não se tratar de uma editoria, mas sim de uma prática para o processo de conhecimento e entendimento das situações que, por exemplo, envolvem as emergências humanitárias, é possível construir um enredo a partir dos personagens reais dessas realidades, daqueles que a vivenciam e dos agentes em campo. São eles que diariamente presenciam tais histórias e situações oriundas das mais diversas faces e causas que têm resultado nas crises humanitárias.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania. XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista com atuação em questões humanitárias. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob orientação da Professora Dra. Cilene Victor, e membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Bolsista CAPES. E-mail: lovizonkamila@gmail.com

O intuito é mostrar um modo próprio de contar as histórias das crises humanitárias, capaz de emplacar a existência de uma narrativa literária na televisão do cotidiano e, por sua força de comunicação, criar pontes de engajamento com a sociedade, os telejornais e as instituições e organizações na expectativa de fazer com que o narrar dos fatos ajude a transformar tais realidades.

Esses são alguns pontos fundamentais que sustentam o desenvolvimento deste artigo que problematiza a qualidade da informação sobre situações vulneráveis, trazidas por jornalistas que cobrem e praticam o humanitarismo em suas coberturas externas, e ainda na elaboração de fechamento de suas reportagens após captação, reforçando um maior envolvimento social quando se dá rosto e endereço das histórias que reforçam a ideia do jornalismo como um meio de construção social.

Este trabalho pretende cumprir o papel de propor maior aproximação entre os três campos do conhecimento, o jornalismo humanitário, o jornalismo televisivo e o jornalismo literário, em razão da urgência de retirar da invisibilidade a temática das crises humanitárias. Como potencializar nas reportagens a voz das pessoas que passaram por escolhas impossíveis e tiveram de abandonar suas casas, seus vilarejos e países e agora precisam se adaptar a novas realidades? Ao longo deste artigo, alguns modelos de narração podem ser adaptados e mantidos para o acompanhamento e o desenrolar dessas histórias, em reportagens continuadas.

Jornalismo literário na imprensa televisiva

Segundo Mônica Martinez (2016), jornalista e pesquisadora, o jornalismo literário nasceu muito antes dos anos 1960, quando ganhou evidência e um primeiro nome, o Novo Jornalismo, a partir de feitos dos jornalistas-escritores estadunidenses como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese. Segundo a autora, é possível fazer narrativas jornalísticas curtas com a densidade de um haikai, poema japonês que traz um universo de possibilidades em 17 sílabas.

Ainda para Martinez (2016), o jornalismo literário é um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações para produzir um texto bem escrito e apurado. Os livros-reportagem seguem sendo o lugar onde a literatura e o jornalismo mais se encontram, ao produzir um texto bem apurado e crítico. Apesar dos ambientes digitais, os livros-

reportagem seguem como o lugar onde a literatura e o jornalismo se encontram com toda sua potencialidade.

Apesar de haver percepção errônea, muitas vezes há diferentes interpretações entre histórias e “estórias”. Jornalismo literário não é o mesmo que escrever contos fictícios, histórias imaginadas ou baseadas em fatos. No jornalismo literário, ao narrar uma história, passo a passo de uma realidade, a reportagem informa de acordo com um olhar mais aproximado o cotidiano dos fatos, é um imaginário quase visível a quem de longe acompanha os passos.

Edvaldo Pereira Lima (2009) dedica atenção principal ao personagem como centro do texto literário, trazendo para o lado psicológico as narrativas vivas e transformadoras como a parte principal do texto. Uma série de aspectos a serem observados, na tentativa de estabelecer uma definição correta para o livro-reportagem, considera como fatores-chave sua função, seu contexto, sua dinâmica e sua temporalidade, baseando-se no conteúdo, no tratamento e na sua função. Colocando essas práticas no jornalismo televisivo, é possível trazer o real para as narrativas em planos sequência para acompanhar diversas situações.

Entenda-se aí o real tanto como a ocorrência social já (...) quanto uma situação mais ou menos perene, uma questão, ou uma ideia vigente, refletindo um estado das coisas, mas que não corresponde necessariamente a um acontecimento central (LIMA, 2009, p. 27).

Na ideia de unir os dois modelos de jornalismo à construção da narração de um fato, diferente dos episódios cinematográficos conhecidos em filmes com sequência de numeração ou séries por tópicos em temporadas, o jornalismo pode trazer para a comunicação informativa séries de reportagens continuadas, aproximando o telespectador de uma realidade que até mesmo pela grande imprensa tornou-se esquecida e subnotificada e, conseqüentemente, normalizada.

Um exemplo é o que tem ocorrido em relação ao continente africano, reduzido às narrativas da miséria e da fome. Sabe-se que essa realidade existe na maioria dos países africanos, mas não como os moradores, em seus cotidianos, a enfrentam. É possível igualmente afirmar, na mesma linha da ideia de normalidade, que o mesmo continente

também seja conhecido por safáris, e talvez sem risco de parecer cruel à realidade da mídia em muitos programas que cobrem a vida selvagem nas savanas africanas, por longos dias, visando compor os quadros das reportagens.

Como em um estudo de campo que leva mais tempo, é possível que a apuração, a digestão e a compreensão do material apurado sejam transformadas em textos literários que, por sua vez, possam ser adaptados para uma linguagem televisiva, unindo a montagem de imagens a um plano sequência e a estruturas de informativos.

É importante ressaltar que há também ótimos profissionais que não estão nem aí para essas arguições acadêmicas, que querem mais é sujar os pés na rua - o verdadeiro lugar de repórteres se formos espertos e darmos ouvido a jornalistas do quilate de Ricardo Kotscho. Aliás, daqui para frente, será usado o termo leitores para simplificar, mas quando se deparar com ele entenda telespectadores, ouvintes, internautas, audiência, enfim, todo e qualquer receptor das mídias jornalísticas. Afinal, embora mais evidente nas publicações impressas, o Jornalismo Literário se aplica e pode ser encontrado em todas elas” (MARTINEZ, 2009, p. 72).

Parafraseando a autora na citação acima e em concordância, na obra “Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada”, Monica Martinez diz que ser jornalista literário é saber expressar em uma narrativa, diferente do jornalismo tradicional, a forma como essas pessoas expressam seus sentimentos, seus pensamentos e suas ações, unindo a forma de viver perante suas realidades e de se relacionar com o mundo. Para a autora, estudiosa do tema, “as narrativas do jornalismo literário são de fácil compreensão para todos, uma pequena palavra, mas com conteúdo tão abrangente que até uma criança a entende” (MARTINEZ, 2016 p. 29).

O engenheiro carioca Euclides da Cunha, ao cobrir a insurreição de Canudos, escreveu sobre a realidade dos humildes agricultores, excluídos social e economicamente, em meio a latifúndios, ao desemprego e à seca. Esse é um dos marcos da produção de João do Rio, seu mergulho na realidade para relatá-la com saber e sabor. Um dos pontos de ligação de Cunha com o jornalismo literário contemporâneo é a tentativa de “Em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações, é o que faz outro jornalista que se sucede no tempo a Cunha”, João do Rio (1881 - 1921). (MARTINEZ, 2016, p. 36). Por meio de suas crônicas, o jornalista registrava a fenomenal transformação que a então capital brasileira vivenciava (CUNHA, 1921 p. 36).

Outro exemplo de escrita do jornalismo literário, segundo a autora, é a do escritor-jornalista que ajudou a introduzir o realismo social no jornalismo e na literatura praticados durante a era vitoriana, Charles Dickens (1812-1870). O autor optou por abordar gente comum que enfrentava duras condições de vida, como as crianças trabalhadoras da classe operária inglesa, no exemplo de Oliver Twist (1837-1839).

Apesar de várias opiniões, a visão que convida o leitor a mergulhar naquela realidade a ponto de pesquisar e saber como segue a situação atual daquela história contada, uma imersão na realidade, segundo Mark Kramer, coautor de *Literary Journalism* (Ballantine Books, 1995), citado na obra de Martinez (20016), é a primeira de oito características, como citadas abaixo:

1. Apuração precisa, como uma regra, podemos chamar assim, para entender o que se vai escrever, uma imersão, o autor mergulha na realidade;
2. Atuação ética, a segunda característica, implica em situações que dependendo de algumas reportagens durarem certo tempo de cobertura, afinal apurações que levam um longo período de tempo para serem feitas podem gerar vinculação pessoal. O jornalista está no local como profissional, não sendo nem amigo nem inimigo, mais uma testemunha da realidade;
3. Acontecimentos rotineiros, a terceira característica apontada por Kramer, é que jornalistas literários devem prestar atenção e escrever sobre acontecimentos rotineiros, lançando luz sobre fatos que aparentemente passam despercebidos;
4. Voz autoral é a quarta característica, personalidades, traços como intimidade, fraqueza, ironia, estranhamento, confusão, jogador e até gozador;
5. Estilo é a quinta, diferente do jornalismo tradicional que usa uma linguagem imparcial, artificial e rebuscada. Costuma-se dizer que é possível brincar com as palavras, o levar para o lado do bom humor do lado irônico ou romântico;
6. A sexta característica é a posição móvel do autor, livre da tradicional narração em terceira pessoa para fazer experimentações quanto ao ponto de vista nesse ir e vir e voltar para contar bem uma história;
7. A sétima é a arte de conferir uma estrutura adequada à história, quando a narrativa primária e suas digressões se misturam para ampliar e recompor os fatos;
8. A criação dos sentidos é a oitava e última característica apontada por Kramer, que segundo ele é obtida principalmente com uso de símbolos e metáforas para facilitar a conexão com o leitor (MARTINEZ, 2016, p. 40).

O jornalismo literário coincide em alguns aspectos com o jornalismo humanitário, sobretudo quando entra no campo da realidade. Para o grupo de estudo de Martin Scott, que estuda o jornalismo humanitário, “jornalistas são frequentemente acusados de

produzir construções homogêneas e descontextualizadas de desastres naturais, por exemplo. Mas os meios de comunicação variam enormemente na forma como cobrem essas emergências” (SCOTT, 2018, p. 3). Ainda que o profissional reconstrua o que deseja e o que se desenrola de acordo com sua bagagem, o leitor espera que o jornalista seja honesto o suficiente para relatar os fatos.

Segundo Kramer (1995), ainda citado por Martinez (2016), é preciso ter um fio de experiência pessoal do leitor e provar que o acompanhamento e a procura da história, por várias cenas, revelam gradativamente aquela situação. Ainda na visão do estudioso em jornalismo literário, “a meta é descrever a história de forma humana, equilibrada, relevante e acessível, porém por vários motivos nem sempre ela é atingida.” (MARTINEZ, 2016, p.44).

Em muitos casos, muitos jornalistas se disfarçam e adentram certas situações para sentir na pele o que acontece diariamente naquela história que se pretende contar. Martinez afirma que, a partir dos anos 2000, textos humanistas e criativos emergiram graças à mídia digital que prima por narrativas de transformação.

Por isso, no Brasil, as pesquisas do introdutor dos estudos de Jornalismo Literário, Edvaldo Pereira Lima, sugerem um campo vasto de experimentações. O professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e cocriador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) batizou de Jornalismo Literário Avançado esse arcabouço conceitual, que além das técnicas citadas incorpora avanços de outras áreas do conhecimento, como a psicologia humanista, a mitologia e a biologia, para facilitar a compreensão e o relato das narrativas da vida real. (MARTINEZ, 2009, p. 83)

O autor, segundo Lima, está em busca de qualquer assunto que o torne universal. Falta abordar questões sociais ao contar uma história e acompanhar o seu desenrolar com visões literárias, utilizando o mesmo teor crítico de um produto jornalístico para serem veiculadas em larga escala e em grande penetração popular. Assim, entramos no campo da televisão que articula sua narrativa temporalmente, colocando passado, presente e futuro em regimes de compreensão próprios. O presente dilatado, o passado como resto e o futuro como espera reproduzem a lógica do tempo vulgar na tela da TV e modos de contar cotidiano.

Traquina (2005, p. 26) fala sobre o papel da mídia na construção das narrativas sociais sob a justificativa de que “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias e, por consequência, na construção da realidade”. Esse fator é muito importante para se compreender a relação entre o jornalismo literário e a contação real para a realidade social, criando um relacionamento entre o conteúdo e os aspectos de identidade social dos leitores. Nessa perspectiva, faz-se necessário ressaltar o seu papel social como elemento comunicacional.

Para o filósofo e psicólogo Gerard Duveen (2007), que estuda o conhecimento cultural em representações sociais, a comunicação de massa gerou novas possibilidades para a circulação de ideias voltadas ao processo de produção social de conhecimento do senso comum.

(...) as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros (DUVEEN, 2007, p. 8).

Trata-se de inovar um formato para incluir de forma positiva uma visão que se repercute na sociedade, para uma mudança de conscientização e inclusão de assuntos humanitários no dia a dia da população, trazendo uma linha literária na narração de vidas que os telespectadores passem a acompanhar. É sobre acreditar naquela transformação, de forma que reflita o que é real em consciência global.

No papel da linguagem televisiva, na perspectiva de influência socializadora, a ideia é tentar estabelecer uma discussão no campo da produção de conteúdo do telejornalismo, veiculado nos jornais abertos das emissoras de televisão.

Apesar da rapidez com a qual as redes sociais adaptaram o formato de web TV, a imprensa televisiva tradicional ainda tem um “poder colossal”, como declara o filósofo austríaco Karl Popper (1992), uma substituição da voz de Deus. O autor alertava, e com razão, sobre o poder de substituir a informação pela manipulação. A televisão segue sendo o meio com maior audiência e popularidade. Já para Joan Férres (1998), pedagogo e especialista em comunicação visual, é mais um analfabetismo visual.

[...] não se controla a comunicação audiovisual se não se conhecerem os mecanismos emocionais e inconscientes a partir dos quais ela atua [...] o analfabetismo audiovisual é mais perigoso que o verbal. O analfabeto verbal é consciente de sua limitação. Não poderá ter acesso à informação escrita, mas tampouco poderá ser manipulado por ela. O

analfabeto audiovisual, no entanto, será presa fácil da manipulação audiovisual porque terá acesso às mensagens sem capacidade de análise e, ao mesmo tempo, sem uma atitude de defesa, de controle (FÉRRERES, 1998, p.273).

Seria usar esse lado negativo de alienação como forma positiva de conhecimento e mudança no padrão televisivo e social. Abrir os olhos da sociedade sobre assuntos que não são consumidos por não estarem sendo alimentados, fazendo com que novas mudanças positivas possam ser emplacadas através das telinhas do que realmente é a realidade.

Sem sair totalmente do campo televisivo, mas citando o novo modelo de TV, a Web TV, digital e interativa, a estética televisiva atinge outro patamar. Profundidade e velocidade passam a conviver em um mesmo espaço, e a decisão pela escolha passa a ser do telespectador. Livre das grades de programações das emissoras e das linhas editoriais e a possibilidade de participar ativamente da programação atrai o interesse da população.

Textos e vídeos curtos e edição dinâmica atingem a superfície da informação, porém a possibilidade do hipertexto autoriza o telespectador a buscar por si um aprofundamento da informação através de cliques em links de texto, vídeos e álbuns de fotos. A possibilidade de participar de um fórum ou chat pode aumentar ainda mais essa profundidade, garantindo essa convergência midiática que surge da necessidade de produção de conteúdo específicos para tais suportes.

Conhecer, saber manusear e entender o modo de expressão da televisão cria uma competência importante no sentido de utilizá-la com eficiência na produção de conteúdo esperados pelos telespectadores, envolvidos na comunicação. Nesse sentido, este artigo propõe aproximar a informação humanitária, de qualquer parte do mundo, entregando ao público esse acesso, essa proximidade com situações que sempre são contadas sem o final do enredo, fidedigno e com o acompanhamento na mesma sequência da matéria.

Não se pode recusar o modelo de mídia tradicional, massiva, pois todos os modelos podem coexistir, sincronicamente, num mesmo espaço social. Os novos ambientes de comunicação vão unir cada vez mais soluções textuais e audiovisuais em uma forma integrada, que altera os conceitos clássicos de emissão, recepção e produção. Este é o vivenciar a Era Digital, um momento de transformação da lógica de comunicação de massa para uma comunicação colaborativa.

Narrativas humanitárias e reportagens continuadas

Segundo o Guia de Fontes em ajuda humanitária, de Médicos sem Fronteiras (2017), dedicado a jornalistas, “uma crise humanitária acontece quando um evento, súbito ou previsível, provocado ou não pela ação humana, desestabiliza o funcionamento de uma sociedade, causa danos que excedam sua capacidade de reação e faz com que a sobrevivência de um grande número de pessoas fique ameaçada. É uma situação que exige uma resposta rápida e eficaz para salvar vidas”.

Sem resposta às emergências, elas podem se tornar crises crônicas e, por sua vez, desencadearão crises humanitárias prolongadas. Em geral, uma crise humanitária leva à mobilização uma série de organizações não-governamentais e de agências governamentais, intergovernamentais, como as Nações Unidas, cada uma delas com o seu objetivo e mandatos específicos.

Nesse contexto, importante mencionar Thomas Laqueur (1992), que pensa o humanitarismo como gênero narrativo que tem em seu cerne um despertar da compaixão do leitor a partir do olhar sobre os corpos sofredores dos outros. Laqueur identifica o aparecimento de um conjunto de narrativas que tematizam os sofrimentos de gente comum, que seriam a base dos discursos humanitários modernos.

Esse imaginário moderno do padecimento pelo sofrimento alheio tem como figura central o corpo, precisamente, o corpo em dor. Na literatura, isso viria a ser chamado de narrativas humanitárias. O corpo individual, vivo ou morto, adquiriu um "poder próprio", ao contrário do período anterior em que a referência era o "Corpo Universal de Deus", representado pelo sofredor que estimulava as ações humanitárias, segundo Laqueur (1992, p. 241).

Em campo, as atividades dos atores muitas vezes serão agir a partir de pontos de vista diferentes, que podem ser complementares no campo do jornalismo humanitário. O que não seria diferente, por ser de conhecimento de todos, é que na cobertura jornalística nada é mais fundamental do que ouvir os relatos e demandas das pessoas que sofrem com uma situação de emergência nas crises humanitárias e na prática da profissão, prevalecendo os cuidados com os personagens de suas histórias. E são exatamente esses relatos que não fazem eco, entretanto, muitas dessas instituições presentes em campo são

também fontes de informações valiosas para mostrar o caráter multifacetado das origens de uma crise humanitária e das respostas dadas, na tentativa de findá-las ou amenizá-las.

Ao publicar esse guia de fontes, a equipe de comunicação da MSF espera aumentar o interesse da imprensa pelo tema e estimular a cobertura de crises que por muitas vezes ficam esquecidas. Se de fato, as organizações devem informar o público sobre as situações dessas pessoas afetadas por situações emergenciais e por muitas vezes sem atendimentos médicos, é obrigação da comunicação, principalmente do jornalismo, da imprensa aberta, ajudar na única pauta que se une em todos os campos da mídia nesses casos – a pauta sobre salvar vidas. A comunicação deve dar continuidade a esse trabalho porque ela pode ajudar a salvar vidas, como reconhecem as agências humanitárias.

Isso seria parte do que se conhece como jornalismo narrativo, que não se contenta com a relação simplista de causa e efeito, conforme Lima (2009), quando explica o assunto em todos os seus detalhes. Para o autor, nos tempos em que o jornalismo enfrenta crises econômicas e de identidade, abriu-se caminho para que uma nova forma de mídia se apresentasse ao público leitor, que busca e se interessa pelo aprofundamento maior de um assunto.

Conforme mencionado anteriormente, este trabalho recorreria a alguns exemplos para pensar a adoção dos preceitos e possibilidades do jornalismo literário nas narrativas humanitárias, como no livro do jornalista Caco Barcelos, *Rota 66*, no qual ele conta, em formato de narração, casos de abusos e uma história de perseguição. Tanto em sua obra, como em seu programa, *Profissão Repórter*, é possível identificar traços da narrativa humanitária ao mostrar o real de várias histórias. Barcelos (2006, p 88, 89) afirma “Meu objetivo, ao iniciar a pesquisa, é conhecer o perfil das vítimas”.

Os meios de comunicação expõem a devastação das aldeias e cidades, milhares de pessoas feridas, deslocadas e cidades inteiras devastadas pela dor, desespero, miséria, muitas vezes a partir do uso, por exércitos regulares ou por grupos armados, de novas tecnologias de guerra.

Não é só sobre noticiar a fome, é todo um desgaste emocional de desalento, do esquecimento que acarreta, além de mortes e destruições, todos os dias, uma realidade distante. E a comunicação humanitária é parte da união entre população e organizações, capaz de provocar mudanças reais.

Como um desdobramento da prática do jornalismo humanitário, uma das bases do romance gráfico são as fotografias de Lefèvre, produzidas como reportagem para a MSF,

e, por se situar em um campo híbrido (de gêneros, linguagens e suportes), preferível falar em “narrativa humanitária”. A estrutura, em três volumes, segue a sequência cronológica dos acontecimentos e forma três blocos com ênfases distintas – a história, a situação e a reconstrução - em formato de acompanhamento.

O autor inscreve as narrativas humanitárias em um quadro de discursos reformistas, afirmando que a ação possível é a mitigação do sofrimento. A partir dos anos 1970, com o reforço dos movimentos pacifistas e de direitos humanos, o humanitarismo funde-se discursivamente a esse quadro e a MSF é uma das organizações que melhor representa isso, tanto na ação de socorro humanitário, quanto na produção de relatos e reportagens.

A invisibilidade das perdas humanas e dos danos materiais causados por desastres, sobretudo os que acometem um número menor de pessoas, evidencia bem diversos documentos e relatórios de muitas organizações sobre as crises humanitárias que são subestimadas pela imprensa a cada ano.

Segundo Cilene Victor (2020), jornalista humanitária, é urgente a construção de um jornalismo capaz de reduzir o sofrimento humano e, sobretudo, impedir que ele se dê em silêncio e na opacidade, marcada pelo esquecimento e a normalidade. Nesse sentido, as narrativas humanitárias trazem a realidade de um cotidiano distante e o conhecimento das falácias normalizadas na sociedade. O problema do saber, no âmbito das situações humanitárias urgentes, deixadas à mercê da sobrevivência, é apenas saber.

O jornalismo deve estar presente. Furar critérios de noticiabilidade histórica e culturalmente ainda preservados em boa parte da imprensa ocidental. Se nem todo fato ou acontecimento é uma notícia, a mesma lógica parece ser adotada ao falar sobre o sofrimento humano, uma vez que nem todas as dores do mundo são noticiadas. Resgatando Victor (2020), seria, então, o jornalismo humanitário a principal rota de fuga para tirar esse tema da invisibilidade ou da opacidade?

Jornalismo humanitário e a influência na mídia

Martin Scott (2017), principal referência do jornalismo humanitário, apresenta três definições iniciais de notícias humanitárias: aquelas que cobrem crises humanitárias e seus atores, as que adotam uma ética humanitária e as notícias como práticas humanitárias.

Com base nessa noção, o jornalismo humanitário de Scott (2017) se norteia pelos princípios de independência e neutralidade, ao mesmo tempo em que reforça uma atuação mais ativa da mídia para equalizar conflitos, dando espaço para discussões sobre possíveis soluções ou voz para os que até então não a tinham. O jornalismo humanitário, então, pode ser compreendido "de acordo com um entendimento mais abrangente do humanitarismo: como uma ética da bondade, benevolência e simpatia, estendida universal e imparcialmente a todos os seres humanos" (SCOTT, 2017, online).

O jornalismo humanitário, enquanto prática, abrange a sociedade a partir do conhecimento de sua realidade cotidiana, bem como da compreensão dos processos de construção e trabalho para sua transformação.

Personagens invisíveis e histórias reais

São milhões de vítimas da fome, dos conflitos armados, das guerras civis, da violência generalizada, dos desastres e das mudanças climáticas. Embora o sofrimento humano seja o retrato de milhões de pessoas em várias partes do mundo, agências humanitárias denunciam que esse sofrimento tem seguido em silêncio, resultado da omissão e da indiferença dos meios de comunicação.

A seguir, o relato de uma experiência de campo, em Moçambique, em 2018, vivenciada por esta autora durante trabalho como assessora de imprensa focada na prática humanitária.

Paradas em frente ao ônibus da equipe de reportagem, estacionado na aldeia de Muzumuia, em Moçambique, pouco mais de três horas da capital Maputo, estavam Virna, que aparentava ter três anos, só de short, sem blusinha, suja e pendurada nas costas de outra menina, sua irmã, que não aparentava ser muito mais velha, uns sete anos. A mãe de Vima, abandonada pelo companheiro, caminhou com seus cinco filhos até o lugar mais próximo da aldeia, alojando-os em uma casinha de barro que encontrara pela redondeza. As duas meninas chegaram ao Centro de Acolhimento da Fraternidade sem fronteiras para pedir comida.

Detalhar no jornalismo humanitário os fatos como eles são, suas situações inimagináveis, pode ser uma forma de emplacar a realidade das crises humanitárias, sobretudo por meio dos personagens, narrando em detalhes o cotidiano das pessoas que, por exemplo, acordam tendo de lidar com uma dura realidade. Elas não têm roupas para

trocar, não têm roupa para sair, não têm como escovar os dentes, precisam caminhar horas para encontrar um poço de água, ainda que não tratada, retornando depois de algumas horas, relatando a “sorte” de terem encontrado bichos, castanhas ou lagartas que caíram das árvores e alimentaram sua fome.

Visualizar as imagens ao escutar uma narração é vivenciar junto a realidade, como sentir aflição com os barulhos dos explosivos da guerra. Após declaração de situação de emergência humanitária em uma cidade, ao caminhar pelo seu bairro, não se encontra nada além de destroços. Atrás de comida, os sobreviventes se arriscam a sair para mais longe, nos bairros vizinhos, até que um dia percebem que não existe mais bairro, mais cidade, mais lar. Existe medo e fome. Imaginar esses acontecimentos ao ler construções narrativas de pessoas que se encontram exatamente nessas realidades é a ideia de trazer para os olhares da imprensa televisiva esses relatos. Ao contar essas histórias, como escritas no jornalismo literário, é possível acompanhar o cotidiano em reportagens que não cessarão, não enquanto houver tamanha dor e desigualdade no mundo.

Considerações finais

Esta pesquisa, em fase experimental, tem o propósito de aproximar três campos profissionais e também de pesquisa, o jornalismo humanitário, necessário para impedir a invisibilização e o prolongamento do sofrimento humano decorrente de diversas emergências e crises, como guerras, conflitos e desastres, o jornalismo literário, com suas narrativas capazes de envolver o público com as histórias contadas, e o jornalismo televisivo, seja ele na mídia tradicional ou no formato webTV, com seus recursos visuais que podem provocar no público a sensação de testemunhar a dor sofrida pelas vítimas das tragédias humanitárias.

O relato de tentativas de emplacar reportagens continuadas, televisivas, com recursos do jornalismo literário, teve o propósito de chamar a atenção para a urgência da construção de pautas e mecanismos que possam fazer do jornalismo humanitário um dos meios para transformar a realidade das vítimas das crises humanitárias.

O jornalismo literário, em especial na TV, deve ser observado como uma forma de melhorar a compreensão da realidade no contexto dessas crises e emergências, um aliado do jornalismo humanitário. Em busca de visibilidade e na luta social pelas garantias de direito, entende-se a necessidade de uma mudança cultural que impulse a busca por

novas linguagens e narrativas. Para se alcançar este objetivo é preciso repensar as narrativas comunicacionais sob o prisma da luta por reconhecimento e da promoção de espaços e lugar de fala, necessários e imprescindíveis para amplificar a voz dos grupos historicamente silenciados e invisibilizados.

Um dos mecanismos dessa narrativa é reafirmar o papel social da mídia na promoção da cobertura de reportagens continuadas, especialmente na imprensa televisiva. Com isso, as audiências podem cobrar de seus governantes e líderes políticos o compromisso de inibir e minimizar o sofrimento de milhões de pessoas. Ainda que para isso muitos jornalistas tenham de se engajar na venda de suas pautas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. **O papel da mídia na difusão das representações sociais**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUVEEN, Gerard. **Culture and Social Representations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**. Socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GUIBERT, Emmanuel; LEFEVRE, Didier; Frederic, LEMERCIER. **The Photographer: Into War-torn Afghanistan with Doctors Without Borders**. França: Dupuis, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

LAQUEUR. **Corpos, detalhes e a narrativa humanitária**. TW, 1992.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como Gênero Literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O jornalismo literário e a academia no Brasil**: fragmentos de uma história. Famecos, 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: a realidade de forma autoral e humanizada. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

Médicos sem Fronteiras. 2016. **Crises humanitárias e o Papel democrático do Brasil**. https://www.msf.org.br/publicacoes/livro_crises_humanitarias_e_o_papel_brasil.pdf. Acesso em: 12/01/2021.

POPPER, Karl. **Televisão**: Um perigo para a democracia. Lisboa: Gradiva Publicações, 1995.

SCOTT, Martin; BUNCE, Mel; WRIGHT, Kate. **The State of Humanitarian Journalism**. 2018.

SONTAG, Suzan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo. Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VICTOR, Cilene. **A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo**. São Paulo, 2018.